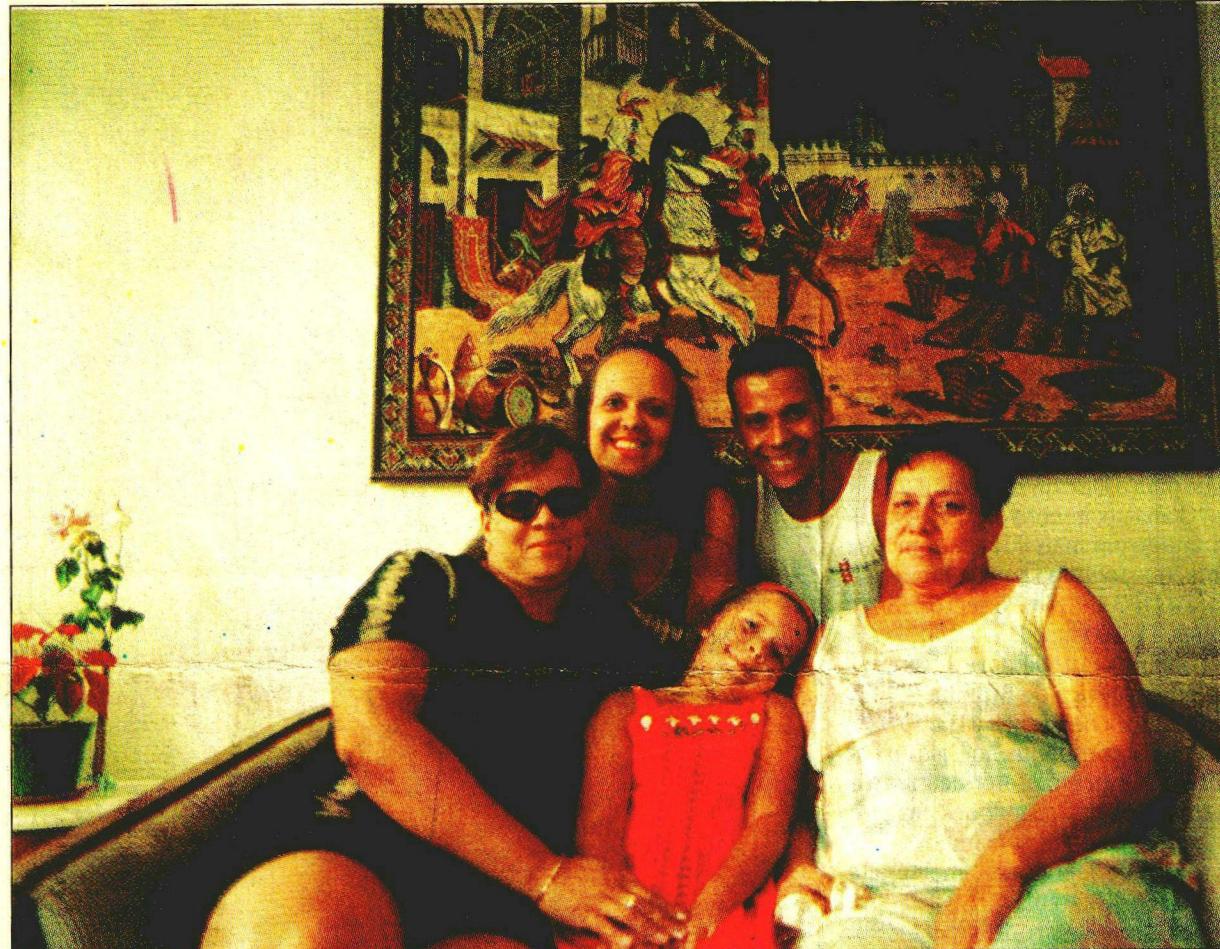


O SONHO QUE CRESCEU DEMAIS

26

Zuleika de Souza



Ercy Muniz com os filhos e a neta: três gerações em Brasília, uma aventura que começou ainda na década de 70

Cristine Gentil
Da equipe do Correio

Quando chegou ao prédio onde mora, plantado no barro vermelho da 407 Sul, a carioca Ercy Muniz da Silva enxergava pouco além de mato, ruas vazias e áreas descampadas. Podia vislumbrar na capital, no máximo, a compra do apartamento próprio e de melhores condições de trabalho para o marido. Nada que pudesse anunciar uma cidade que hoje beira os dois milhões de habitantes, onde circulam 737 mil carros e mais de dois mil ônibus nas avenidas antes desertas. Uma cidade onde se consome a cada hora três milhões de megawatts de energia, e sete mil litros de água por segundo.

Pois é justamente essa a cidade, com seus números de metrópole, que se mostra aos olhos da menina Jéssica, de 6 anos, neta de Ercy. Duas gerações depois, a Brasília da carioca Ercy, que aterrissou no hangar da capital em 1970, é uma outra, distante daquela vista por seus filhos e por seus netos. E que, com certeza, também será diferente para os seus bisnetos.

"Não consigo imaginar como será Brasília daqui a dez anos, assim como não sei como a cidade chegou ao ponto que está hoje", espanta-se Ercy, 61 anos, mãe de quatro filhos, dois deles nascidos aqui e todos criados na cidade.

Mas, se não é possível prever completamente o cenário da cidade, já existem números que insinuam o seu futuro. E servem para balizar ações de governo que podem fazer os próximos anos menos difíceis do que parecem.

O estudo mais recente da Companhia de Desenvolvimento do Plano Central (Codeplan), feito em

1997 e que começa a ser divulgado agora, mostra que a população do Distrito Federal deve chegar a 2,5 milhões em 2010 e alcançar a marca dos 3 milhões em 2021. Caso se confirmem as projeções populacionais, é como se a cidade, planejada inicialmente para virar o milênio com 500 mil pessoas, tivesse que ser reinventada ou reprogramada a cada dez anos para caber tanta gente.

Os números não refletem um crescimento exagerado, mas preocupam. Para não comprometer to-

talmente a qualidade de vida que fez Brasília se distanciar do caos urbano de outras capitais, é preciso planejar e traçar estratégias agora para garantir um crescimento ordenado.

CRESCIMENTO MENOR

No início, Brasília crescia 14% ao ano. Nos 70 para 80, a população aumentava 8% a cada ano. De 80 para 90, o crescimento era em torno de 8%. Nos anos 90, esse número baixou para 2,8%. E deve chegar ao

ano de 2010 com menos de 2%.

"Brasília não está crescendo a um ritmo acelerado, mas mesmo assim o volume de pessoas é preocupante", acredita a estatística e demógrafa Ana Maria Nogales Vasconcelos, professora da Universidade de Brasília. "Onde essas pessoas serão assentadas? Haverá emprego? Os governos devem pensar nisso agora, levando em consideração o volume e a estrutura da população", continua Ana Maria.

As projeções da Codeplan trazem



ainda outras informações. Pode-se prever, por exemplo, que as mulheres continuarão sendo maioria e que terão menos filhos, que a mortalidade infantil deve chegar aos índices de países desenvolvidos, e que os brasilienses viverão mais. "Um indivíduo a mais que sobrevive exige uma nova demanda na área de educação. Uma pessoa com expectativa de vida maior exige uma demanda de serviço mais especializado", exemplifica Ana Maria, para mostrar a importância do planejamento.

Para projetar a população, os técnicos da Codeplan levam em consideração a taxa de fecundidade (número de filhos por mulher), de mortalidade e o movimento migratório. Desses três fatores, a migração é o menos previsível. "A migração é um fenômeno dinâmico. Tem a ver com fatores de atração de emprego, com a busca de serviços de saúde, fora os problemas da área de origem", explica a estatística e demógrafa da UnB, Claudete Ruas, especialista na área de migração.